

MACHADO DE ASSIS

---o---

O

CAMINHO DA PORTA

Comedia em um acto

Rio de Janeiro - 1863

MACHADO DE ASSIS

O CAMINHO DA PORTA

COMEDIA EM UM ACTO

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO ATHENEU DRAMATICO
EM SEPEMBRO DE 1862.



PERSONAGENS.

PERSONAGENS.

Dr. Cornelio.
Valentim.
Innocencio
D. Carlota

ACTORES.

Sr. Cardozo.
» Pimentel.
» Martins.
Sra. D. Maria Fernanda.

Actualidade.

O CAMINHO DA PORTA.

EM CASA DE CARLOTA.

Salla elegante.— Duas portas no fundo, portas lateraes, consolos, piano, divan, poltronas, cadeiras, mesa, tapete, espelhos, quadros; figuras sobre os consolos; album, alguns livros, lapis etc., sobre a mesa.

Scena I.

VALENTIM *assentado á E.* O DOUTOR *entrando.*

VALENTIM.

Ah! és tu?

DOUTOR.

Oh! Hoje é o dia das surpresas. Accordo, leio os jornaes e vejo annuciado para hoje o *Trovador*. Primeira surpresa. Lembro-me de passar por aqui para saber se D. Carlota queria ir ouvir a opera de Verdi, e vinha pensando na triste figura que devia fazer em casa de uma moça do tom ás 10 horas da manhã, quando te encontro firme como uma sentinella no posto. Duas surpresas.

VALENTIM.

A triste figura sou eu?

DOUTOR.

Acertaste. Lucido como uma sybilla. Fazes uma triste figura, não t'o devo occultar.

VALENTIM.

(Ironico.) Ah!

DOUTOR.

Tens ar de não dar credito ao que digo! Pois olha, tens diante de ti a verdade em pessoa, com a differença de não sahir de um poço nas da cama, e de vir em traje menos primitivo. Quanto ao espelho, se o não trago comigo, ha nesta salla um que nos serve com a mesma sinceridade. Mira-te alli. Estás ou não uma triste figura?

VALENTIM.

Não me aborreças.

DOUTOR.

Confessas então?

VALENTIM.

É's divertido como os teus protestos de virtuoso! Aposto que me queres fazer crer no desinteresse das tuas visitas a D. Carlota?

DOUTOR.

Não.

VALENTIM.

Ab!

DOUTOR.

Sou hoje mais assiduo do que era ha um mez, e a razão é que ha um mez que começas-te a fazer-lhe côrte.

VALENTIM.

Já sei: não me queres perder de vista.

DOUTOR

Presumido! Eu sou lá inspector dessas cousas? Ou antes, sou; mas o sentimento que me leva a estar presente a essa batalha pausada e paciente está muito longe do que pensas; estudo o amor.

O CAMINHO DA PORTA.

3

VALENTIM.

Somos então os teus compendios ?

DOCTOR.

E' verdade.

VALENTIM.

E o que tens aprendido ?

DOCTOR.

Descobri que o amor é uma pescaria...

VALENTIM.

Queres saber de uma cousa ? Estás prosaico como os teus libellos.

DOCTOR.

Descobri que o amor é uma pescaria...

VALENTIM.

Vai-te com os diabos !

DOCTOR.

Descobri que o amor é uma pescaria. O pescador senta-se sobre um penedo, á beira do mar. Tem ao lado uma cesta com iscas ; vai pondo uma por uma no anzol, e atira ás aguas a perfida linha. Assim gasta horas e dias até que o descuidado filho das aguas agarra no anzol, ou não agarra e...

VALENTIM.

E's um tolo.

DOCTOR.

Não contesto ; pelo interesse que tomo por ti. Realmente doe-me ver-te ha tantos dias exposto ao sol, sobre o penedo, com o canico na mão, a gastar as tuas iscas e a tua saude, quero dizer, a tua hora.

VALENTIM.

DOUTOR.

A tua honra, sim. Pois para um homem de senso e um tanto serio o ridiculo não é uma deshonra? Tu estás ridiculo. Não ha dia em que não venhas gastar tres, quatro, cinco horas a cercar esta viuva de galanteios e atenções, acreditando talvez ter adiantado muito, mas estando ainda hoje como quando começaste. Olha, ha Penolopes da virtude e Penolopes do galanteio. Umaz fazem e desmancham teias por terem muito juizo; outras as fazem e desmancham por não terem nenhum.

VALENTIM.

Não deixas de ter uma tal ao qual razão.

DOUTOR.

Ora, graças a Deos!

VALENTIM.

Devo porém prevenir-te de uma cousa: é que ponho nesta conquista a minha honra. Jurei aos meus deuses casar-me com ella e hei de manter o meu juramento.

DOUTOR.

Virtuoso Romano!

VALENTIM.

Faço o papel de Sisyphe. Rolo a minha pedra pela montanha; quasi a chegar com ella ao cimo, uma mão invisivel fa-la despenhar de novo, e ahi volto a repetir o mesmo trabalho. Se isto é um infortunio, não deixa de ser uma virtude.

DOUTOR.

A virtude da paciencia. Empregavas melhor essa virtude em fazer palitos do que em fazer a roda a esta namorada. Sabes o que aconteceu aos companheiros de Ulysses passando pela ilha de Circe? Ficaram transformados em porcos. Melhor sorte teve Acteon que por espreitar Diana no banho passou de homem a veado. Prova evidente de que é melhor pilha-las no banho do que andar-lhes á roda tapetes da salla.

VALENTIM.

Fassas de prosaico a cynico.

DOUTOR.

E' uma modificação. Tu estás sempre o mesmo : ridiculo.

Scena II.

OS MESMOS, INNOCENCIO *trazido por um criado.*

Oh!

INNOCENCIO.

DOUTOR.

(Baixo a Valentim.) Chega o teu competidor.

VALENTIM.

(Baixo.) Não me vexes.

INNOCENCIO.

Meus senhores! Já por cá? Madrugaram hoje!

DOUTOR.

E' verdade. E V. S.?

INNOCENCIO.

Como está vendo. Levanto-me sempre com o sol.

DOUTOR.

Se V. S. é outro.

INNOCENCIO.

(Não comprehendendo.) Outro que? Ah! outro sol! Este doutor tem umas expressões tão... fóra do vulgar! Ora veja, a mim ainda ninguem se lembrou de dizer isto. Sr. Doutor, V. S. hade tratar de um negocio que trago pendente no fóro. Quem falla assim é capaz de seduzir a propria lei!

DOUTOR.

Obrigado!

INNOCENCIO.

Onde está a encantadora D. Carlota? Trago-lhe este ramalhete que eu proprio colhi e arranjei. Olhem como estas flores estão bem combinadas: rosas, paixão; assucenas, candura. Que tal?

DOUTOR.

Engenhoso!

INNOCENCIO.

(*Dando-lhe o braço*). Agora ouça, Sr. Doutor. Decorei umas quatro palavras para dizer ao entregar-lhe estas flores. Veja se condizem com o assumpto.

DOUTOR.

Sou todo ouvidos.

INNOCENCIO.

« Estas flores são um presente que a primavera faz á sua irmã por intermedio do mais ardente admirador de ambas. » Que tal?

DOUTOR.

Sublime! (*Innocencio ri-se á socapa*) Não é da mesma opinião?

INNOCENCIO.

Podera não ser sublime; se eu proprio copiei isto de um *Secretario dos Amantes!*

DOUTOR.

Ah!

VALENTIM.

(*Baixo ao Doutor*). Gabo-te a paciencia!

DOUTOR.

(*Dando-lhe o braço*) Pois que tem! E' miraculosamente tolo. Não é da mesma especie que tu...

VALENTIM.

Cornelio!

DOUTOR.

Descança ; é de outra muito peor !

Scena III.

OS MESMOS, CARLOTA.

CARLOTA.

Perdão, meus senhores, de os haver feito esperar.... (*Distribue apertos de mão*).

VALENTIM.

Nós é que lhe pedimos desculpa de havermos madrugado deste modo....

DOUTOR.

A mim, traz-me um motivo justificavel.

CARLOTA.

(*Rindo*). Ver-me ? (*Vae sentar-se*).

DOUTOR.

Não.

CARLOTA.

Não é um motivo justificavel, esse ?

DOUTOR.

Sem duvida; incomoda-la é que o não é. Ah! minha senhora, eu aprecio mais do que nenhum outro o despeito que deve causar a uma moça uma interrupção no serviço da *toilette*. Creio que é cousa tão seria como uma quebra de relações diplomaticas.

CARLOTA.

O Sr. doutor graceja e exagera. Mas qual é esse motivo que justifica a sua entrada em minha casa, a esta hora ?

DOUTOR.

Venho receber as suas ordens ácerca da representação desta noite.

CARLOTA.

Que representação?

DOUTOR.

Canta-se o *Trovador*.

INNOCENCIO.

Bonita peça!

DOUTOR.

Não pensa que deve ir?

CARLOTA.

Sim, e agradeço-lhe a sua amavel lembrança. Já sei que venho efferecer-me o seu camarote. Olhe, hade desculpar-me este descuido, mas prometto que vou quanto antes tomar uma assignatura.

INNOCENCIO.

(*A Valentim*) Ando desconfiado do doutor!

VALENTIM.

Porque?

INNOCENCIO.

Veja como ella o trata! Mas eu vou desbanca-lo com a minha phrase do *Secretario dos Amantes...* (*Indo a Carlota*) Minha senhora, estas flores são um presente que a primavera faz á sua irmã...

DOUTOR.

(*Completando a phrase*) Por intermedio do mais ardente admirador de ambas.

INNOCENCIO.

Sr. doutor!

CARLOTA.

O quo é?

INNOCENCIO.

(Baixo) Isto não se faz! *(A Carlota)* Aqui tem, minha senhora...

CARLOTA.

Agradecida. Por que se retirou hontem tão cedo? Não lh'o quiz perguntar... de boca; mas creio que o interroguei com o olhar.

INNOCENCIO.

(No cumulo da satisfação.) De boca?... Com o olhar?... Ah! queira perdoar, minha senhora, mas um motivo imperioso....

DOUTOR.

Imperioso... não é delicado.

CARLOTA.

Não exijo saber o motivo; supuz que se houvesse passado alguma cousa que o desgostasse...

INNOCÊNCIO.

Qual, minha senhora; o que se poderia passar? Não estava eu diante de V. Ex. para consolar-me com seus olhares de algum desgosto que houvesse? E não houve nenhum.

CARLOTA.

(Ergue-se e bate-lhe com o leque no hombro.) Lisongeiro!

DOUTOR.

(Descendo entre ambos.) V. Ex. hade desculpar-me se interrompo uma especie de idyllio com uma cousa prosaica, ou antes com outro idyllio, de outro genero, um idyllio do estomago: o almoço...

CARLOTA.

Almoça commosco?

DOUTOR.

Oh! minha senhora, não seria capaz de interrompe-la; peço simplesmente licença para ir almoçar com um desembargador da relação a quem tenho de prestar umas informações.

CARLOTA.

Sinto que na minha perda ganhe um desembargador; não sabe como odeio a toda essa gente do fóro; faço apenas uma excepção.

DOUTOR.

Sou eu.

CARLOTA.

(Sorrindo) E' verdade. Donde concluiu?

DOUTOR.

Estou presente!

CARLOTA.

Maldoso!

DOUTOR.

Fica, não, Sr. Innocencio?

INNOCENCIO.

Vou, *(Baixo ao Doutor)* Estalo de felicidade!

DOUTOR.

Até logo!

INNOCENCIO.

Minha senhora!

Scena IV.

CARLOTA, VALENTIM.

VALENTIM.

FICOU?

VALENTIM.

(Indo buscar o chapéo) Se a incomódo...

CARLOTA.

Não. Dá-me prazer até. Ora, porque hade ser tão susceptível a respeito de tudo o que lhe digo?

VALENTIM.

E' muita bondade. Como não quer que seja susceptível? Só depois de estarmos á sós é que V. Ex. se lembra de mim. Para um velho gaiteiro acha V. Ex. palavras cheias do bondade e sorrisos cheios de doçura.

CARLOTA.

Deu-lhe agora essa doença? *(Vai sentar-se junto á mesa).*

VALENTIM.

(Senta-se junto á mesa defronte de Carlota). Oh! não zombe, minha senhora! Estou certo de que os martyres romanos prefereriam a morte rapida á luta com as feras do circo. O seu sarcasmo é uma fera indomavel; V. Ex. tem certesa disso e não deixa de lança-lo em cima de mim.

CARLOTA.

Então sou temivel? Confesso que ainda agora o sei. *(Uma pausa.*
Em que scisma?

VALENTIM.

Eu?.. em nada!

CARLOTA.

Interessante colloquio!

VALENTIM.

Devo crer que não faço uma figura nobre e seria. Mas não me importa isso! A seu lado eu affronto todos os sarcasmos do mundo. Olhen ou nem sei o que penso, nem sei o que digo. Ridiculo que pareça, i

to-me tão elevado o espirito que chego a suppôr em mim algum daquelles toques divinos com que a mão dos deuses elevava os mortaes e lhes inspirava forças e virtudes fóra do commum.

CARLOTA.

Sou eu o deusa...

VALENTIM.

Deusa, como ninguem sonhára nunca; com a graça de Venus e a magestade de Juno. Sei eu mesmo defini-la? Posso eu dizer em lingua humana o que é esta reunião de attrativos unicos feitos pela mão da natureza como uma prova suprema do seu poder? Dou-me por franco, certo de que nem pincel nem lyra poderão fazer mais do que eu.

CARLOTA.

Oh! é de mais! Deos me livre de o tomar por espelho. Os meus são melhores. Dizem cousas menos agradaveis, porém mais verdadeiras.

VALENTIM.

Os espelhos são obras humañas; imperfeitos, como todas as obras humanas. Que melhor espelho, quer V. Ex., que uma alma ingenua e candida?

CARLOTA.

Em que corpo encontrarei... esse espelho?

VALENTIM.

No meu.

CARLOTA.

Suppõe-se candido è ingenuo?

VALENTIM.

Não me supponho, sou.

CARLOTA.

E' por isso que traz perfumes e palavras que embriagam? Se ha candura é em querer fazer-me crer...

VALEOTIM.

Oh! não queira V. Ex. trocar os papeis. Bem sabe que os seus perfumes e as suas palavras é que embriagam. Se eu fallo um tanto diversamente do commum é porque fallam em mim o enthusiasmo e a admiração. Quanto a V. Ex. basta abrir os labios para deixar cahir delle aromas e philtros cujo segredo só a natureza conhece.

CARLOTA.

Estimo antes vê-lo assim. *(Começa a desenhar distrahidamente em um papel).*

VALENTIM.

Assim... como?

CARLOTA.

Menos... melancolico.

VALENTIM.

E' esse o caminho do seu coração?

CARLOTA.

Queria que eu propria lh'o indicasse? Seria trahir-me, e tirava-lhe a graça e a gloria de o encontrar por seus proprios esforços.

VALENTIM.

Onde encontrarei um roteiro?...

CARLOTA.

Isso não tinha graça! A gloria está em achar o desconhecido depois da luta e do trabalho... Amar e fazer-se amar por um roteiro... oh! que cousa de máo gostô!

VALENTIM.

Prefiro esta franqueza. Mas V. Ex. deixa-me no meio de uma encruzilhada com quatro ou cinco caminhos diante de mim, sem saber qual hei de tomar. Acha que isto é de coração compassivo?

CARLOTA

Ora! siga por um delles, á direita ou a esquerda.

VALENTIM.

Sim, para chegar ao fim e encontrar um muro ; voltar, tomar depois por outro...

CARLOTA.

E encontrar outro muro ? E' possível. Mas a esperança acompanha os homens e com a esperança, neste caso, a curiosidade. Enxugue o suor, descanse um pouco, e volte a procurar o terceiro, o quarto, o quinto caminho, até encontrar o verdadeiro. Supponho que todo o trabalho se compensará com o achado final.

VALENTIM.

Sim. Mas, se depois de tanto esforço fôr encontrar-me no verdadeiro caminho com algum outro viandante de mais tino e fortuna ?

CARLOTA.

Outro ?.. que outro ? Mas... isto é uma simples conversa... O Sr. faz-me dizer cousas que não devo... *(cahe o lapis ao chão. Valentim apressa-se em apanhal-o e ajoelha nesse acto.)*

CARLOTA.

Obrigada. *(Vendo que elle continua ajoelhado.)* Mas levante-se !

VALENTIM.

Não seja cruel !

CARLOTA.

(Levantando-se.) Faça o favor de levantar-se !

VALENTIM.

(Levantando-se.) E' preciso pôr um termo a isto !

CARLOTA.

(Fingindo-se distraida.) A isto o que ?

VALENTIM.

V. Ex. é de um sangue frio de matar !

CARLOTA.

Queria que me fervesse o sangue ? Tinha razão para isso. A que proposito fez esta scena de comedia ?

VALENTIM.

V. Ex. chama a isto comedia ?

CARLOTA.

Alta comedia, está entendido. Mas que é isto ? Está com lagrimas nos olhos ?

VALENTIM.

Eu ?.. ora... ora... que lembrança !

CARLOTA.

Quer que lhe diga ? Está ficando ridiculo.

VALENTIM.

Minha senhora !

CARLOTA.

Oh ! ridiculo ! ridiculo !

VALENTIM.

Tem razão. Não devo parecer outra cousa a seus olhos ! O que sou eu para V. Ex ? Um ente vulgar, uma facil conquista, que V. Ex entretém, ora animando, ora repellindo, sem deixar nunca conceber esperanças fundadas e duradouras. O meu coração virgem deixou-se arrastar. Hoje, se quizesse arrancar de mim este amor, era preciso arrancar com elle a vida. Oh ! não ria, que é assim !

CARLOTA.

Sinto que não possa ouvir-o com interesse.

VALENTIM.

Por que motivo havia de me ouvir com interesse ?

CARLOTA.

Não é por ter a alma secca ; é por não acreditar nisso.

VALENTIM.

Não acredita ?

CARLOTA.

Não.

VALENTIM.

(Esperançoso.) E se acreditasse ?

CARLOTA.

(Com indiferença.) Se acreditasse, acreditava !

VALENTIM.

Oh ! é cruel :

CARLOTA.

(Depois de um silencio.) Que é isso ? Seja forte ! Se não por si, ao menos pela posição esquerda em que me colloca.

VALENTIM.

(Sombrio.) Serei forte ! Fraco no parecer de alguns... forte no meu... Minha Senhora !

CARLOTA.

(Assustada.) Onde vae ?

VALENTIM.

*Até... minha casa ! Adeus ! (Sahe arrebatadamente. Carlota pára estacada ; depois vae ao fundo, volta ao meio da scena, vae a direita ; entra o Doutor.)***Scena V.**

CARLOTA, O DOUTOR.

DOUTOR.

Não me dirá, minha senhora, o que tem Valentim que passou por mim como um raio, agora, na escada ?

CARLOTA.

Eu sei ! Ia mandar em procura delle. Disse-me aqui umas palavras ambiguas, estava exaltado, creio que...

DOUTOR.

Que se vae matar?... (*Correndo para a porta.*) Faltava mais esta !.. *Estaca.*) Não, não se ha de matar !

CARLOTA.

Ah !.. por que ?

DOUTOR.

Porque mora longe. No caminho ha de reflectir e mudar de parecer. Os olhos das damas já perderam o condão de levar um pobre diabo á sepultura ; raros casos provam uma diminuta excepção.

CARLOTA.

De que olhos e de que condão me falla ?

DOUTOR.

Do condão de seus olhos, minha senhora ! Mas que influencia é essa que V. Ex. exerce sobre o espirito de quantos se deixam apaixonar por seus encantos ? A um inspira a idéa de matar-se ; a outro exalta-o de tal modo, com algumas palavras e um toque de seu leque, que quasi chega a ser causa de um ataque apopleptico !

CARLOTA.

Está me fallando grego !

DOUTOR.

Quer portuguez. minha senhora ? Vou traduzir o meu pensamento. Valentim é meu amigo. E' um rapaz, não direi virgem de coração, mas com tendencias ás paixões da sua idade. V. Ex. por sua graça e belleza inspirou-lhe, ao que parece, um desses amores profundos de que os romances dão exemplo. Com vinte e cinco annos, intelligente, bemquisto, podia fazer um melhor papel que o de namorado sem ventura. Graças a V. Ex., todas as suas qualidades estão anuladas : o

rapaz não pensa, não vê, não conhece, não comprehende ninguém mais que não seja V. Ex.

CARLOTA.

Pára ahj a fantazia ?

DOUTOR.

Não, senhora. Ao seu carro atrelou-se com o meu amigo, um velho, um velho, minha senhora, que, com o fim de lhe parecer melhor, pinta a corôa veneravel de seus cabellos brancos. De sério que era, fel-o V. Ex. uma figurinha de papelão, sem vontade nem acção propria. Destes sei eu ; ignoro se mais algum dos que frequentam esta casa andam atordoados como estes dous. Creio, minha senhora, que lhe fallei no portuguez mais vulgar e proprio para me fazer entender.

CARLOTA.

Não sei até que ponto é verdadeira toda essa historia, mas consinta que lhe observe quanto andou errado em bater á minha porta. Que lhe posso eu fazer ? Sou eu culpada de alguma cousa ? A ser verdade isso que contou, a culpa é da natureza que os fez faceis de amar, e a mim, me fez.... bonita ?

DOUTOR.

Pode dizer mesmo—encântadora.

CARLOTA.

Obrigada !

DOUTOR.

Em troca do adjectivo deixe acrescentar oútro não menos merecido:—namoradaira.

CARLOTA.

Eiu ?

DOUTOR.

Na-mo-ra-dei-ra !

CARLOTA.

Está disendo cousas que não tern senso commum.

DOUTOR.

O senso commum é commum a dous modos de entender. E' mesmo a mais de dous. E' uma desgraça que nos achemos em divergencia.

CARLOTA.

Mesmo que fosse verdade não era delicado dizer....

DOUTOR.

Esperava por essa. Mas V. Ex. esquece que eu, lucido como estou hoje, já tive os meus momentos de allucinação. Já fei como Hercules a seus pés. Lembra-se? Foi ha tres annos. Incorregivel a respeito de amores, tinha razões para estar curado, quando vim cahir em suas mãos. Alguns allopathas costumam a mandar chamar os homœopthas nos últimos momentos de um enfermo e ha casos de salvação para o moribundo. V.Ex. servio-me de homœopathia, desculpe a comparação; deu-me uma dose de veneno tremenda, mas efficaz; desde esse tempo fiquei curado.

CARLOTA.

Admiro asua fecundidade ! Em que tempo padeceo dessa febre de que tive a ventura de o curar ?

DOUTOR.

Já tive a honra de dizer que foi ha tres annos.

CARLOTA.

Não me recordo. Mas considero-me feliz por ter conservado ao foro um dos advogados mais distinctos da capital.

DOUTOR.

Póde accrescentar : e á humanidade, um dos homens mais uteis. Não se ria, sou um homem util.

CARLOTA.

Não me rio. Conjecturo em que se empregará a sua utilidade.

DOUTOR.

Vou auxiliar a sua penetração. Sou util pelos serviços que presto

aos viajantes noveis relativamente ao conhecimento das costas e dos perigos do curso marítimo; indico os meios de chegar sem maior risco á ilha desejada de Cythera..

CARLOTA.

Ah!

DOUTOR.

Essa exclamação é vaga e não me indica se V. Ex. está satisfeita ou não com a minha explicação. Talvez não acredite que eu possa servir aos viajantes?

CARLOTA.

Acredito. Acostumei-me a olha-lo como a verdade nua e crua.

DOUTOR.

E' o que dizia ha bocado áquelle doido Valentim.

CARLOTA.

A que proposito dizia?..

DOUTOR.

A que proposito? Queria que fosse a proposito da guerra dos Estados-Unidos? da questão do algodão? do poder temporal? da revolução da Grecia? Foi a respeito da unica cousa que nos pódo interessar, a elle, como marinheiro novel, e a mim, como capitão experimentado.

CARLOTA.

Ah! foi...

DOUTOR.

Mostrei-lhe os pontos negros do meu roteiro.

CARLOTA.

Creio que elle não ficou convencido...

DOUTOR.

Tanto não que se ia deitando ao mar.

CARLOTA.

Ora, venha cá. Fallemos um momento sem paixão nem rancor. Admitto que o seu amigo ande apaixonado por mim. Quero admittir tambem que eu seja uma namoradaira...

DOUTOR.

Perdão : uma encantadora namoradaira...

CARLOTA.

Dentada de morcego ; acceito.

DOUTOR.

Não : attenuante e aggravante ; sou advogado !

CARLOTA.

Admitto isso tudo. Não me dirá donde tira o direito de intrometer-se nos actos alheios, e de impôr as suas lições a uma pessoa, que o admira e estima, mas que não é, nem sua irmã, nem sua pupilla ?

DOUTOR.

Donde? Da doutrina christã : ensino os que erram.

CARLOTA.

A sua delicadesa não me hade incluir entre os que erram.

DOUTOR.

Pelo contrario ; dou-lhe um lugar de honra : é a primeira.

CARLOTA.

Sr. doutor !

DOUTOR.

Não se zangue, minha senhora. Todos erramos ; mas V. Ex. erra muito. Não me dirá de que serve, o que aproveita usar uma mulher bonita de seus encantos para espreitar um coração de vinte e cinco annos e atrahi-lo com as suas cantilenas, sem outro fim mais do que contar adoradores e dar um publico testemunho do que póde a sua belleza ? Acha que é bonito ? Isto não révolta ? (*Movimento de Carlota*)

CARLOTA.

Por minha vez pergunto : donde lhe vem o direito de pregar-me sermões de moral ?

DOUTOR.

Não ha direito escripto para isto, é verdade. Mas, eu que já tentei trincar o cacho de uvas pendente, não faço como a raposa da fabula, fico ao pé da parreira para dizer ao outro animal que vier: Não seja^s tolo! não as alcançarás com o teu focinho! e á parreira impassivel; Secca as tuas uvas ou deixa-as cahir; é melhor do que tel-as ahi a fazer cobiça ás raposas avulsas! E' o direito da desforra!

CARLOTA.

Ia-me zangando. Fiz mal. Com o Sr. doutor é inutil discutir : falla-se pela razão, responde pela parabola.

DOUTOR.

A parabola é a razão do evangelho, e o evangelho é o livro que mais tem convencido.

CAALOTA.

Por taes disposições vejo que não deixa o posto de sentinella dos corações alheios ?

DOUTOR.

Avisador de incautos; é verdade.

CARLOTA.

Pois declaro que dou ás suas palavras o valor que merecem.

DOUTOR.

Nenhum ?

CARLOTA.

Absolutamente nenhum. Continuarei a receber com a mesma affabilidade o seu amigo Valentim.

DOUTOR.

Sim, minha senhora !

CARLOTA.

E ao doutor tambem.

DOUTOR.

E' magnanimidade.

CARLOTA.

E ouvirei com paciencia evangelica as suas predicas não encomendadas.

DOUTOR.

E eu prompto a proferil-as. Ah! minha senhora, se as mulheres soubessem quanto ganhariam se não fossem vaidosas! E' negocio de cincoenta por cento....

CARLOTA

Estou resignada : crucifique-me !

DOUTOR.

Em outra occasião.

CARLOTA.

Para ganhar forças quer almoçar segunda vez ?

DOUTOR.

Hade consentir que recuse.

CARLOTA.

Por motivo de rancor ?

DOUTOR

(Pondo a mão no estomago.) Por motivo de incapacidade. *(Comprimenta e dirige-se á porta. Carlota sahe pelo fundo, Entra Valentim.)*

Scena VI.

O DOUTOR, VALENTIM.

DOUTOR.

Oh! A que horas é o enterro ?

VALENTIM.

Que enterro ? De que enterro me fallas tu ?

DOUTOR.

Do teu. Não ias procurar o descanso, meu Werther ?

VALENTIM.

Ah ! não me falles ! Esta mulher... onde está ella ?

DOUTOR.

Almoça.

VALENTIM.

Sabes que a amo. Ella é invencível. A's minhas palavras amorosas respondeu com a friesa do sarcasmo. Exaltei-me e cheguei a proferir algumas palavras que poderiam indicar da minha parte uma intenção tragica. O ar da rua fez-me bem ; acalmei-me...

DOUTOR.

Tanto melhor !...

VALENTIM.

Mas eu sou teimoso.

DOUTOR.

Pois ainda crês ?...

VALENTIM.

Ouve : sinceramente afflicto e apaixonado, apresentei-me a D. Carlota como era. Não houve meio de torna-la compassiva. Sei que não me ama ; mas creio que não está longe disso ; acha-se em um estado que basta uma faísca para accender-se-lhe no coração a chamma do amor. Se não se commoveu á franca manifestação do meu affecto, hade commover-se a outro modo de revellação. Talvez não se incline ao homem poetico e apaixonado ; hade inclinar-se ao heroico ou até sceptico.... ou a outra especie Vou tentar um por um.

DOUTOR.

Muito bem. Vejo que ratiócinas ; é porque o amor e a razão domi-

nam em ti com força igual. Graças a Deus, mais algum tempo e o predomínio da razão será certo.

VALENTIM.

Achas que faço bem ?

DOUTOR.

Não acho, não, senhor!

VALENTIM.

Por que ?

DOUTOR.

Amas muito esta mulher ? E' proprio da tua idade e da força das cousas. Não ha caso que desmint a esta verdade reconhecida e provada : que a polvora e o fogo, uma vez proximos fazem explosão.

VALENTIM.

E' uma doce fatalidade esta !

DOUTOR.

Ouve-me calado. A que queres chegar com este amor ? Ao casamento ; é honesto e digno de ti. Basta que ella se inspire da mesma paixão, e a mão do hymeneu virá converter em uma só as duas existencias. Bem. Mas não te occorre uma cousa : é que esta mulher, sendo uma uamoradoira, não póde tornar-se vestal muito cuidadosa da ara matrimonial.

VALENTIM.

Oh !

DOUTOR.

Protestas contra isto ? E' natural. Não serias o que és se accitasses á primeira vista a minha opinião. E' por isso que te peço reflexão e calma. Meu caro, o marinheiro conhece as tempestades e os navios ; eu conheço os amores e as mulheres ; mas avalio no sentido inverso do homem do mar ; as escunas veleiras são preferidas pelo homem do mar, eu voto contra as mulheres veleiras.

VALENTIM.

Chamas a isto uma razão ?

DOUTOR.

Chamo a isto uma opinião. Não é a tua! Hade sel-o com o tempo. Não me faltará occasião de chamar-te ao bom caminho. A tempo o ferro é mesinha, disse Sá de Miranda. Empregarei o ferro.

VALENTIM.

O ferro ?

DOUTOR.

O ferro. Só as grandes coragens é que se salvam. Devi a isso salvar-me das unhas deste gavião disfarçado de quem queres fazer tua mulher.

VALENTIM.

O que estás disendo ?

DOUTOR.

Cuidei que sabias. Tambem eu já trepei pela escada de seda para cantar a cantiga do Romeo á janella de Julieta.

VALENTIM.

Ah !

DOUTOR.

Mas não passei da janella. Fiquei ao relento do que me resultou uma constipação.

VALENTIM.

E' natural. Pois como havia ella de amar a um homem que quer levar tudo pela razão fria dos seus libellos e embargos do terceiro ?

DOUTOR.

Foi isso que me salvou; os amores como os desta mulher precisam um tanto ou quanto de chicana. Passo pelo advogado mais chicaneiro do fóro; imagina se a tua viuva podia haver-se comigo! Vcio o

meu dever com embargos de terceiro e eu ganhei a demanda. Se, em vez de comer tranquillamente a fortuna de teu pai, tivesses cursado a academia de S. Paulo ou Olinda, estavas, como eu, armado de broquel e cota de malhas.

VALENTIM.

E' o que te parece. Podem acaso as ordenações e o código penal contra os impulsos do coração? E' querer reduzir a obra de Deus á condição da obra dos homens. Mas bem vejo que és o advogado mais chicaneiro do fôro.

DOUTOR.

E portanto, o melhor.

VALENTIM.

Não, o peor, por que não me convenceste.

DOUTOR.

Ainda não?

VALENTIM.

Nem me convencerás nunca.

DOUTOR.

Pois é pena!

VALENTIM.

Vou tentar os meios que tenho em vista; se nada alcançar talvez me resigne á sorte.

DOUTOR.

Não tentes nada. Anda jantar comigo e vamos á noite ao theatro.

VALENTIM.

Com ella? Vou.

DOUTOR.

Nem me lembrava que a tinha convidado.

VALENTIM.

Espero que heide vencer.

DOUTOR.

Com que contas? Com a tua estrella? Boa fiança!

VALENTIM.

Conto comigo.

DOUTOR.

Ah! melhor ainda!

Scena VII.

DOUTOR, VALENTIM, INNOCENCIO.

INNOCENCIO.

O corredor está deserto.

DOUTOR.

Os criados servem á mesa. D. Carlota está almoçando. Está melhor?

INNOCENCIO.

Um tanto.

VALENTIM.

Esteve doente, Sr. Innocencio?

INNOCENCIO.

Sim, tive uma ligeira vertigem. Passou. Efeitos do amor... quero dizer... do calor.

VALENTIM.

Ah!

INNOCENCIO.

Pois olhe já soffri calor de estalar passarinho. Não sei como isto foi. Emfim, são cousas que dependem das circumstancias.

VALENTIM.

Houve circumstancias ?

INNOCENCIO.

Houve... (*sorrindo*) Mas não as digo... não !

VALENTIM.

E' segredo ?

INNOCENCIO.

Se é !

VALENTIM.

Sou discreto, como uma sepultura ; falle !

INNOCENCIO.

Oh ! não ! E' um segredo meu e de mais ninguém... ou a bem dizer, meu e de outra pessoa... ou não, meu só !

DOUTOR.

Respeitamos os segredos, seus ou de outros !

INNOCENCIO.

V. S. é um portento ! Nunca me hei de esquecer que me comprou ao sol ! A certos respeitos andou avisado : eu sou uma especie de sol, com uma differença, é que não nasço para todos, nasço para todas !

DOUTOR.

Oh ! Oh !

VALENTIM.

Mas V. S. está mais na idade de morrer que de nascer.

INNOCENCIO.

Abre lá ! com trinta e oito annos, a idade viril ! V. S. é que é uma criança !

VALENTIM.

Enganaram-me então. Ouvi dizer que V. S. fôra dos ultimos a beijar a mão de D. João VI, quando daqui se foi, e que nesse tempo era já taludo...

INNOCENCIO.

Ha quem se divirta em calumniar a minha idade. Que gente invejosa ! Onde vae, doutor ?

DOCTOR.

Vou sahir.

VALENTIM.

Sem fallar a D. Carlota ?

DOCTOR.

Já me havia despedido quando chegaste. Hei de voltar. Até logo. Adeus, Sr. Innocencio !

INNOCENCIO.

Felizes tardes, Sr. Doutor !

Scena VIII.

VALENTIM, INNOCENCIO.

INNOCENCIO.

E' uma perola este doutor ! Delicado e bem fallante ! Quando abre a boca parece um deputado na assembléa ou um comico na casa da opera !

VALENTIM.

Com trinta e oito annos e ainda falla na casa da opera !

INNOCENCIO.

Parece que V. S. ficou engasgado com os meus trita e oito annos ! Suppõe talvez que eu seja um Mathusalem ? Está enganado. Como me vê, faço andar á rodá muita cabecinha de moça. A proposito, não acha esta viuva uma bonita senhora ?

VALENTIM.

Acho.

INNOCENCIO.

Pois é da minha opinião ! Delicada, graciosa, elegante, faceira, como ella só.... Ah !

VALENTIM.

Gosta della ?

INNOCENCIO.

(Com indifferença.) Eu ? gosto. E V. S. ?

VALENTIM.

(Com indifferença.) Eu ? gosto.

INNOCENCIO.

(Com indifferença.) Assim, assim ?

VALENTIM.

(Com indifferença.) Assim, assim.

INNOCENCIO.

(Contentissimo, apertando-lhe a mão.) Ah ! meu amigo !

Scena IX.

VALENTIM, INNOCENCIO, CARLOTA.

VALENTIM.

Aguardava-mos a sua chegada com a sem cerimonia de pessoas intimas.

CARLOTA.

Oh ! fizeram muito bem ! *(Senta-se.)*

INNOCENCIO.

Não occultarei que estava ancioso pela presença de V. Ex.

CARLOTA.

Ah ! obrigada... Aqui estou ! *(Um silencio.)* Que novidades ha, Sr. Innocencio ?

INNOCENCIO.

Chegou o paquete.

CARLOTA.

Ah ! *(Outro silencio.)* Ah ! chegou o paquete ? *(Levanta-se.)*

INNOCENCIO.

Já tive a honra de...

CARLOTA.

Provavelmente traz noticias de Pernambuco ?. do cholera ?...

INNOCENCIO.

Costuma a trazer...

CARLOTA.

Vou mandar ver cartas... tenho um parente no Recife.. **Tenham** a bondade de esperar...

INNOCENCIO.

Por quem é... não se encomode. Vou eu mesmo.

CARLOTA.

Ora ! tinha que ver...

INNOCENCIO.

Se mandar um escravo ficará na mesma... demais, eu tenho rela-

ções com a administração do correio... O que talvez ninguém possa alcançar já e já, eu me encarrego de obter.

CARLOTA.

A sua dedicação corta-me a vontade de impedi-lo. Se me faz o favor...

INNOCENCIO.

Pois não, até já! (*Beija-lhe a mão e sahe*).

Scena X.

CARLOTA, VALENTIM.

CARLOTA.

Ah! ah! ah!

VALENTIM.

V. Ex. ri-se?

CARLOTA.

Acredita que foi para despedi-lo que o mandei vêr cartas ao correio?

VALENTIM.

Não ousou pensar...

CARLOTA.

Ouse, porque foi isso mesmo.

VALENTIM.

Haverá indiscrição em perguntar com que fim?

CARLOTA.

Com o fim de poder interroga-lo acerca do sentido de suas palavras quando daqui sahio.

VALENTIM.

Palavras sem sentido...

CARLOTA.

Oh !

VALENTIM.

Disse algumas cousas... tolas!

CARLOTA.

Está tão calmo para poder avaliar desse modo as suas palavras?

VALENTIM.

Eston:

CARLOTA.

Demais, o fim tragico que queria dar a uma cousa que começou por idylho... devia assusta-lo.

VALENTIM.

Assustar-me? Não conheço o termo.

CARLOTA.

É intrepido?

VALENTIM.

Um tanto. Quem se expôz á morte não deve teme-la em caso nenhum.

CARLOTA.

Oh ! oh ! poeta, e intrepido de mais a mais.

VALENTIM.

Como lord Byron.

CARLOTA.

Era capaz de uma segunda prova do caso de Leandro?

VALENTIM.

Era. Mas eu já tenho feito cousas equivalentes.

CARLOTA.

Matou algum elephante, algum hyppopotam?

VALENTIM.

Matei uma onça.

CARLOTA.

Uma onça?

VALENTIM.

Pelle malhada das côres mais vivas e esplendidas: garras largas e possantes; olhar fulvo, peito largo, e duas ordens de dentes afiados como espadas.

CARLOTA.

Jesus! Estevo diante desse animal!

VALENTIM.

Mais do que isso: lutei com elle e matei-o.

CARLOTA.

Onde fei isso?

VALENTIM.

Em Goyaz.

CARLOTA.

Conte essa historia, novo Gaspar Corrêa.

VALENTIM.

Tinha eu vinte annos. Andavamos á caça eu e mais alguns. Internano-nos mais do que deviamos pelo mato. Eu levava comigo uma espingarda, uma pistola e uma faca de caça. Os meus companheiros affastaram-se de mim. Tratava de procura-los quando senti passos... Voltei-me....

CARLOTA.

Era a onça?

VALENTIM.

Era a onça. Com o olhar fito sobre mim parecia disposta a dar-me o bote. Encarei-a, tirei cautelosamente a pistola e atirei sobre ella. O tiro não lhe fez mal. Protegido pelo fumo da polvora,acastelei-me atraz de um tronco de arvore. A onça foi-me no encalço, e durante algum tempo andámos, eu e ella, a dansar á roda do tronco. Repentinamente levantou as pa as e tentou esmagar-me abraçando a arvore, mais rapido que o raio, agarrei-lhe as mãos e apertei-a contra o tronco. Procurando escapar-me,a fera quiz morder-me em uma das mãos; com a mesma rapidez tirei a faça de caça e cravei-lha no pescoço; agarrei-lhe de novo a pata e continuei a aperta-la,até que os meus companheiros,orientados pelo tiro, chegaram ao lugar do combate.

CARLOTA.

E mataram?...

VALENTIM.

Não foi preciso. Quando larguei as mãos da fera,um cadaver pesado e tepido cahio no chão.

CARLOTA.

Ora, mas isto é a historia de um quadro da Academia!

VALENTIM.

Só ha um exemplar de cada feito heroico?

CARLOTA.

Pois, deveras, matou uma onça?

VALENTIM.

Conservo-lhe a pelle como uma reliquia preciosa.

CARLOTA.

E' valente; mas pensando bem não sei de que vale ser valente.

VALENTIM.

(f)

CARLOTA.

Palavra que não sei. Essa valentia fóra do commum não é dos nossos dias. As proezas tiveram seu tempo; não me enthusiasma essa luta do homem com a fera, que nos aproxima dos tempos barbaros da humanidade. Comprehando agora a razão porque usa dos perfumes mais activos; é para disfarçar o cheiro dos filhos do matto, que naturalmente hade ter encontrado mais de uma vez. Faz bem.

VALENTIM.

Féra verdadeira é a que V. Ex. me atira com esse riso sarcástico. O que pensa então que possa excitar o enthusiasmo?

CARLOTA.

Ora, muita cousa! Não o enthusiasmo dos heroes de Homero; um enthusiasmo mais condigno dos nossos tempos. Não precisa ultrapassar as portas da cidade para ganhar titulos á admiração dos homens.

VALENTIM.

V. Ex. acredita que seja uma verdade o aperfeiçoamento moral do homens na vida das cidades?

CARLOTA.

Acredito.

VALENTIM.

Pois acredita mal. A vida das cidades estraga os sentimentos. Aquelles que eu pude ganhar e entreter na assistencia das florestas, perdi-os depois que entrei na vida tumultuaria das cidades. V. Ex. ainda não conhece as mais verdadeiras opiniões.

CARLOTA.

Dar-se-ha caso que venha pregar contra o amor?...

VALENTIM.

O amor! V. Ex. pronuncia essa palavra com uma veneração que parece estar fallando de cousas sagradas! Ignora que o amor é uma invenção humana?

CARLOTA.

Oh!

VALENTIM.

Os homens, que inventaram tanta coisa, inventaram também este sentimento. Para dar justificação moral á união dos sexos inventou-se o amor, como se inventou o casamento para dar-lhe justificação legal. Esses pretextos, com o andar do tempo, tornaram-se motivos. Eis o que é o amor!

CARLOTA.

E' mesmo o senhor quem me falla assim?

VALENTIM.

Eu mesmo.

CARLOTA.

Não parece. Como pensa a respeito das mulheres?

VALENTIM.

Ahi é mais difficil. Penso muita coisa e não penso uada. Não sei como avaliar essa outra parte da humanidade extrahida das costellas de Adão. Quem pôde pôr leis ao mar? E' o mesmo com as mulheres. O me!hor é navegar descuidadamente, a panno largo.

CARLOTA.

Isso é leviandade.

VALENTIM.

Oh! minha senhora!

CARLOTA.

Chame leviandade para não chamar despeito.

VALENTIM.

Então ha muito tempo que sou leviano ou ando despeitado, porque esta é a minha opinião de longos annos. Pois ainda acredita na affeição intima entre a descrença masculina e... dá licença? a leviandade feminina?

CARLOTA.

E' um homem perdido, Sr. Valentim. Aiuda ha santas affeições, crenças nos homens, e juizo das mulheres. Não queira tirar a prova real pelas excepções. Sonme a regra geral e hade ver. Ah!, mas agora percebo!

VALENTIM.

O que?

CARLOTA.

(*Rindo*). Ah! ah! ah! Ouça muito baixinho, para que nem as paredes possam ouvir: este não é ainda o caminho do meu coração, nem a valentia, tão pouco.

VALENTIM.

Ah! tanto melhor! Volto ao ponto da partida e desisto da gloria...

CARLOTA.

Desanima? (*Entra o doutor*).

VALENTIM.

Dou-me por satisfeito. Mas já se vê, como cavalleiro, sem rancor nem hostilidade. (*Entra Innocencio*).

CARLOTA.

E' artiscar-se a novas tentativas.

VALENTIM.

Não.

CARLOTA.

Não seja vaidoso. Está certo?

VALENTIM.

Estou. E a razão é esta: quando não se pode atinar com o caminho do coração toma-se—o caminho da porta. (*Comprimenta e dirige-se pra a porta*).

CARLOTA.

Ab!—Pois que vá!—Estava ahí Sr. doutor? Tome cadeira.

DOUTOR.

(*Baixo*). Com uma advertencia:—Ha muito tempo que me fui pelo caminho da porta.

CARLOTA.

(*Seria*). Prepararam ambos esta comedia ?

DOUTOR.

Comedia, com effeito, cuja moralidade Valentim incumbio-se de resumir—Quando não se pode atinar com o caminho do coração, deve-se tomar sem demora o caminho da porta. (*Sahem o doutor e Valentim*)

CARLOTA.

(*Vendo Innocencio*). Pode sentar-se. (*Indica-lhe uma cadeira, Risonha*). Como passou?

INNOCENCIO.

(*Senta-se meio desconfiado, mas levanta-se logo*). Perdão: eu tambem vou pelo caminho da porta! (*Sahe. Carlota atravessa arrebatadamente a scena. Caha o panno.*)

THEATRO MODERNO LUSO-BRASILEIRO

Collecção de Comedias, Dramas e Scenas-comicas

- 1 COMO OS ANJOS SE VINGÃO, dr. em 1 a., C. C. Branco, 1\$000.
- 2 EMBRULHADAS DE AMOR, c. em 1 a., 640.
- 3 O DR. GRAMMA, c. em 2 a., 1\$000.
- 4 O DIABO A QUATRO N'UMA HOSPEDARIA, c. em 1 a., 1\$000.
- 5 CEGUEIRA OU BEBEDEIRA? s. c., 400.
- 6 UM MARIDÔ QUE É VICTIMA DAS MODAS, c. em 1 a., 1\$000.
- 7 AH! COMO EU SOU BESTA! por F. Corrêa Vasques, 500.
- 8 UM PAR DE MORTES, OU A VIDADE UM PAR. calembourg. 1\$000.
- 9 O DIABO NO RIO DE JANEIRO, s. c. de F. C. Vasques, 500.
- 10 O SR. DOMINGOS FÔRA DO SERIO, s. c. de C. Vasques, 500.
- 11 MEIA HORA DE CYNISMO, c. em 1 a. de França Junior, 1\$000.
- 12 AS DUAS BENGALAS, c. 1 a., 1\$000.
- 13 DOIS GENÍOS IGUAES NÃO FAZEM LIOA, c. em 1 a., 1\$000.
- 14 A AFLHADA DO BARÃO, c. em 2 actos de Mendes Leal, 1\$500.
- 15 O MENINO MONCLAR, s. c. de F. C. Vasques, 500.
- 16 O DIABO ATRAZ DA PORTA, comedia em acto, 640.
RATÕES DA EPOCA, c. em 1 a., 640.
- 17 A ESPEDELLADA, c. em 1 a., 640.
- 18 AS PITADAS DO VELHO COSME, s. c. de F. C. Vasques, 500.
- 19 OS NAMORADOS DE JULIA, s. c. de F. C. Vasques, 500.
- 20 UMA CRIADA IMPAGAVEL, comedia em 1 acto, 640.
- 21 OS DOUS OU O INGLEZ MACHINISTA, c. em 1 a. de Penna, 1\$000.
- 22 UM QUARTO COM DUAS CAMAS, c. em 1 a. de Basto, 500.
- 23 QUASI QUE SE PEGÃO, c. 1 a., 640.
- 24 AMOR E HONRA, dr. 2 a., 1\$000.
- 25 PERDÃO D'ACTO EM PERSPECTIVA, c. em 1 acto, 1\$000.
- 26 OS DOIS INSEPARAVEIS, c. 1 a., 640.
- 27 JUDAS EM SABBADO DA ALLELUIA, c. em 1 a. de Penna, 1\$000.
- 28 O JUIZ DE PAZ NA ROÇA, c. em 1 acto de A de Penna, 1\$000.
- 29 ROCAMBOLE NO RIO DE JANEIROS. c. de Vasques, 500.
- 30 DOUS PESCADORES, c. em 1 a., 640.
- 31 O VIVEIRO DE FREI ANSELMO, c. em 1 acto, 1\$000.
- 32 EFEITOS DO VINHO NOVO s. c., 500.
- 33 COMO SE PERDE UM NOIVO, comedia em 1 acto, 640.
- 34 UM DEVOTO DE BACCHO, s. c. de F. X. Novaes, 500.
- 35 CASAR OU METTER FREIRA, c. em 1 a. de L. Mendonça, 640.
- 36 AFFRONTA POR AFFRONTA, d. em 4 a. de L. Mendonça, 1\$000.
- 37 A BENGALA, s. c. de E. G., 500.
- 38 A FESTA NA ROÇA, comedia em 1 acto, de Penna, 1\$000.
- 39 O ACTOR, s. c. de Novaes, 500.
- 40 O BEBERRÃO, s. c. de Vasques, 500.
- 41 O SR. ANSELMO APAIXONADO, PELO ALCAZAR, de Vasques, 500.
- 42 JUSTIÇA, drama em 2 actos, de Camillo C. Branco, 1\$000.
- 43 O AMIGO BANANA, MAIS RATICES DO AMIGO BANANA, s. c., 500.
- 44 UM POR OUTRO, c. em 2 actos de M. H. Pires Ferrão, 1\$500.
- 45 CERRAÇÃO NO MAR, s. c., 400.
- 46 FUI VER A GRAN-DUQUEZA, 500.
- 47 DOMINUS TECUM, c. em 1 a., 640.
- 48 TCHANG-TCHING-BUNG, 1 a., 1\$000.
- 49 POR CAUSA DE UM ALGARISMO, c. original em 1 a., 1\$000.
- 50 TIO TORQUATO, c. em 1 a., 1\$000.
- 51 UM LEÃO DE CASACA, s. c., 400.
- 52 A COSTUREIRA, com. em 1 a., 1\$000.
- 53 OS DOIS MINEIROS NA CÔRTE, comedia em 1 acto, 1\$000.
- 54 DE NOITE TODOS OS OATOS SÃO PARDOS, comedia em 1 a., 1\$000.
- 55 O AMANTE DAS HARMONIAS, scena comica, 500.
- 56 O EMPREZARIO AMBULANTE, scena comica, 500.
- 57 O SR. BENTO DOS PONTINHOS, scena comica, 500.
- 58 UM ALHO! scena comica, 500.
- 59 O FAUSTO, dram. f. em 4 a., 1\$000.
- 60 O ORPHEU NA ROÇA, d. em 4 a., 1\$000.
- 61 DOUS PROVEITOS EM UM SACCO, scena em 1 acto, 1\$000.
- 62 EMQUANTO O DIABO ESFREGA UM OLHO! c. em 1 a. do Dr. A. de Castro, 1\$000.
- 63 UMA MULHER POR DUAS HORAS, comedia em 1 acto, 1\$000.
- 64 RESONAR SEM DORMIR, c. 1 a., 640.
- 65 BERNARDO NA LUA, f. em 1 a., 1\$000.
- 66 O ANÃO E O CORCUNDA, f. em 1 a. de J. F. da Cruz, 1\$000.
- 67 POR UM OCULO, c. em 1 a. do Dr. A. de Castro, 1\$000.
- 68 OS DOUS SURDOS, c. em 1 a., 1\$000.

A VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

70 UMA EXPERIENCIA !. c. 1 a. 1\$000
 71 AGUEM-SE NO BALANÇO, s. c. de Vasques, 500.
 72 VARIACÕES DE FLAUTA. scena comica de Vasques, 500.
 73 O FIM DO ANNO POR UM VENDEDOR DE VIGESIMOS, scena comica de Vasques, 500.
 74 COMI O MEU AMIGO, c. 1 a, 1\$000.
 75 MORRER POR TER DINHEIRO, c. 1 a.
 76 O VASQUES EM MACHAMBOMBA, c. 1 a. 1\$000.
 77 ATRICULAÇÕES D'UM ESTUDANTEC, 1. a. 1\$000.
 78 ENTREI PARA O CLUB JACOME c. 1 a de França Junior.
 79 A' CATA DO MANEL entre acto comico.
 80 O DEFENSOR DA CLASSE CAIXEIRAL s. c do Actor Martins, 500.
 81 A NAMURADEIRA s. c. 1 a. 500.
 82 OS DOUS CANDIDATOS, c. 1 a, 1\$000.
 83 HOLLANDEZ OU PAGAR OMAL QUENAOFIZ farça 1 a. 1\$000.
 Dalila, dr. 1\$; Romance de um moço pobre, 1\$; Lagrimas de Maria dr. de Vasques, 1\$; A honra de um taverneiro dr. do mesmo 1\$ O maldicto. s. dr. 200; Vampiros sociaes dr 2\$ A viuva do meu amigo c. 1. 1\$ O Fausto, dr. 1\$.
 ALMEIDA GARRETT, Fallar verdade a mentir, c. 1 a., 1\$500 Fr. Luiz de Souza, dr. 1\$500.
 As mulheres de marmore, dr. 2\$;— O Anjo da meia noite, dr. 1\$500—A Ilha das Cobra na vespera da descoberta do Brasil, despropósito 1 a 1\$ Historia de um marinheiro, contada por elle mesmo, 200;—A saia balão e o collarinho de papelão, c. 1 a 1\$; Pupillas do Sr. Heitor, 1\$500;—A Grã-Duqueza de gérostein, 1\$;— Trabalho e caridade, dr. 2\$;—Loucuras da mocidade, c. 1\$;—Lagrimas perdidas, dr. 1\$;—Episodias de nm noivado, dr. 2\$;—Lourencinho, dr. 1\$500;—O Protocollo, c. 1 a de M. de Assis, 1\$;—O Caminho da porta c. 1 a 1\$;— Por direito Fatcouly, c. 1 a., 1\$. Desencantos, c. 2 a. 1\$ O Engeitado, dr. 1\$500— O Traga-Moças. opera comica, 4 a., 1\$500; Affonso III ou o valido d'ElRei, dr. 5 a., 2\$;— Alfageme de Santarem, dr. 5 a., 1\$500;—Alvaro de Abranches, dr. 1\$500 Sorpreza d'Evora, dr. 1\$500;—Gonzaga, dr. 3 a., 1\$;—Os Sabichões, com. dr. 3 a., 1\$500;—Ao calçar das luvas, c. 1 a., 1\$;—O afilhado de

Pompignac, com. dr. 4 a., 2\$;—Um homem politico, c 3 a., 1\$500;—O Fidalguinho, c. 3 a., 1\$500;—Abençoado Progresso, c. 1 a., 1\$;—As campanhas, c. 1 a., 1\$; João o Britador dr. a., 1\$500; As Tres Rocas de Chrystal magica 3 a., e 17 q., 2\$;— A familia dr. 5 a., 2\$; Quem Desdenha... c. 1 a., 1\$; Et cætera, Reticencia.. s. c. 500; Os Filhos, dr. 5 a., 1\$500;— Os Parasitas, dr. 5 a., 1\$500;— Nova Castro, tragedia, 1\$; Trinta annos ou a vida de um Jogador, dr. 2\$;—A Nodoa do Sangue, dr., 2\$;—O Sineiro de S. Paulo. dr. 2\$; O Cigano, dr. 2\$;—A Cigana, dr. 2\$;—Um par de Galhetas, c. 1 a., 1\$;—Um Casamento do Seculo, dr. 3 a., 1\$500;—O Capadocio, parodia burlesca da opera-Trovador—em 4 a., e 3 quadros, 1\$;—A Filha do Administrador, c. 3 a., 1\$500;—A Condemnada, dr. em 1. q. e 3 a., 1\$500;—Os Dois Irmãos dr. 6 a., 2\$;—O Reino das Fadas, e phantastica, 2\$;—Arthur ou Depois de 16 annos, dr. 2 a., 1\$500;—O Gaiao de Lisboa, dr. 2 a., 2\$;—De Ladrão a Barão, dr. 5 a., 2\$;—Antes Quebrar, que Torcer, dr. 3 a., 2\$ Luzia e Marçal. dr. em 2 a., 1\$;—Os Maridos são escravos, c. 3 a., 1\$500;—O Mestre de dança, c. 1 a., 1\$;—O Livro de Oração, com. dr. 3 a., 1\$500;—AFeliz Mudança do Sexo; dr. 1 a., 1\$;—A Colerica, c. 1 a., 1\$—Os Vestidos Brancos, dr. 2 a., 1\$500;—Os Orphãos da Ponte de Nossa Senhora, dr. 5 a., 2\$;—Os Dois Serralheiros, dr. 5 a., 2\$;—Simão o Ladrão, drama Gaspar Hauser, dr. 4 a., 1\$500;—O Cavalheiro da Casa Vermelha, dr. 5 a., 2\$;—O Casal das Giestas, dr. 5 a., 2\$;—O Jogador, s. dr. de Pedrosa, 500; O Despresa o, s dr. 500; A Negação da familia dr. 4. a 1\$500; Praseres e Dores, dr. 2 a., 1\$;—A viuva inconsulavel, c. 1\$;—Pupillo do Escravo, dr. 1\$500;—Os Apostolos do mal, dr. 1\$500;—Fernanda, dr. 1\$500;—Luiz ou a cruz do juramento, 2\$;—Por causa de um par de botinas, c. 1\$;— Vingança por vingança, dr. 2\$;—Gabriel e Lushel (Milagres de Santo Antonio) 1\$;— Lições por maridos, c. 1\$500. Os dois proscriptos ou a restauração de Portugal em 1640, 1\$000. Dedicção, dr. 4 a. 1\$500.



Handwritten scribbles and faint markings in the top right corner, possibly including a date or initials.

100

101

102

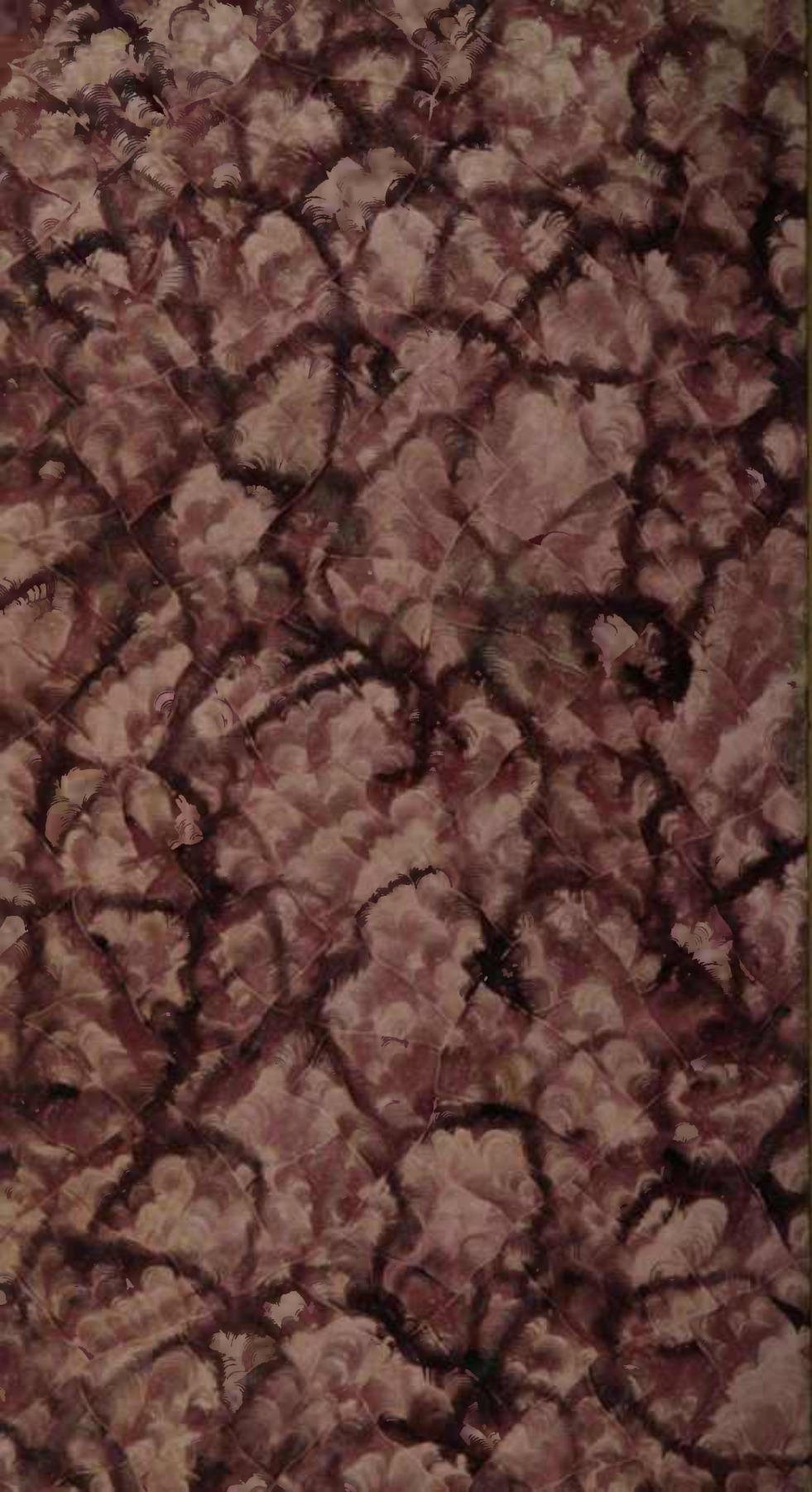
103



8







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).